

MIL ANOS
DE FORTIFICAÇÕES
NA PENÍNSULA IBÉRICA
E NO MAGREB
(500-1500)



Edições Colibri

Câmara Municipal de Palmela



Primeiros resultados das escavações arqueológicas no Castelo de Aljezur

CARLOS TAVARES DA SILVA

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal

ROSA VARELA GOMES

Universidade Nova de Lisboa

Resumo

O Castelo de Aljezur ergue-se num cerro do litoral do Barlavento Algarvio, situado na extremidade do núcleo urbano hoje sede de concelho. Apresenta localização privilegiada, junto de importante via de comunicação terrestre, que faz a ligação daquela zona com o Baixo-Alentejo, dispondo de fácil acesso ao mar, através da denominada ribeira de Aljezur. Esta era navegável, pelo menos, até ao século XVI.

Aquela fortificação mostra planta poligonal, bem adaptada à elevação onde foi edificada e a sua entrada faz-se, presentemente, através de porta defendida por bastião com planta de forma circular. No seu interior observa-se, ainda, o *aljibe*, com planta de forma rectangular.

Escavações arqueológicas, realizadas entre 1990-1997, por um de nós (C.T.S.), no interior daquele dispositivo defensivo, permitiram reconhecer importante sucessão estratigráfica que integra materiais com cronologia da Idade do Bronze Final, da II Idade do Ferro, da Idade Média e dos inícios da Idade Moderna.

Pertencem àquela última permanência estruturas, dispostas perpendicularmente ao pano de muralha, pertencentes a aquartelamento tardo-medieval e que terá sido abandonado no século XVI.

Sondagens realizadas sob aqueles testemunhos permitiram reconhecer restos de construções muçulmanas correspondendo, possivelmente, a espaços habitacionais e, ainda, duas estruturas subterrâneas.

Introdução

Castelo de Aljezur ergue-se num cerro do litoral do Barlavento Algarvio, situado na periferia do núcleo urbano hoje sede de concelho. Apresenta localização privilegiada, junto de importante via de comunicação terrestre, que faz a ligação daquela zona com o Baixo-Alentejo, dispondo de fácil acesso ao mar através da denominada ribeira de Aljezur (fig. 1). Esta era navegável, pelo menos, até ao século XVI.

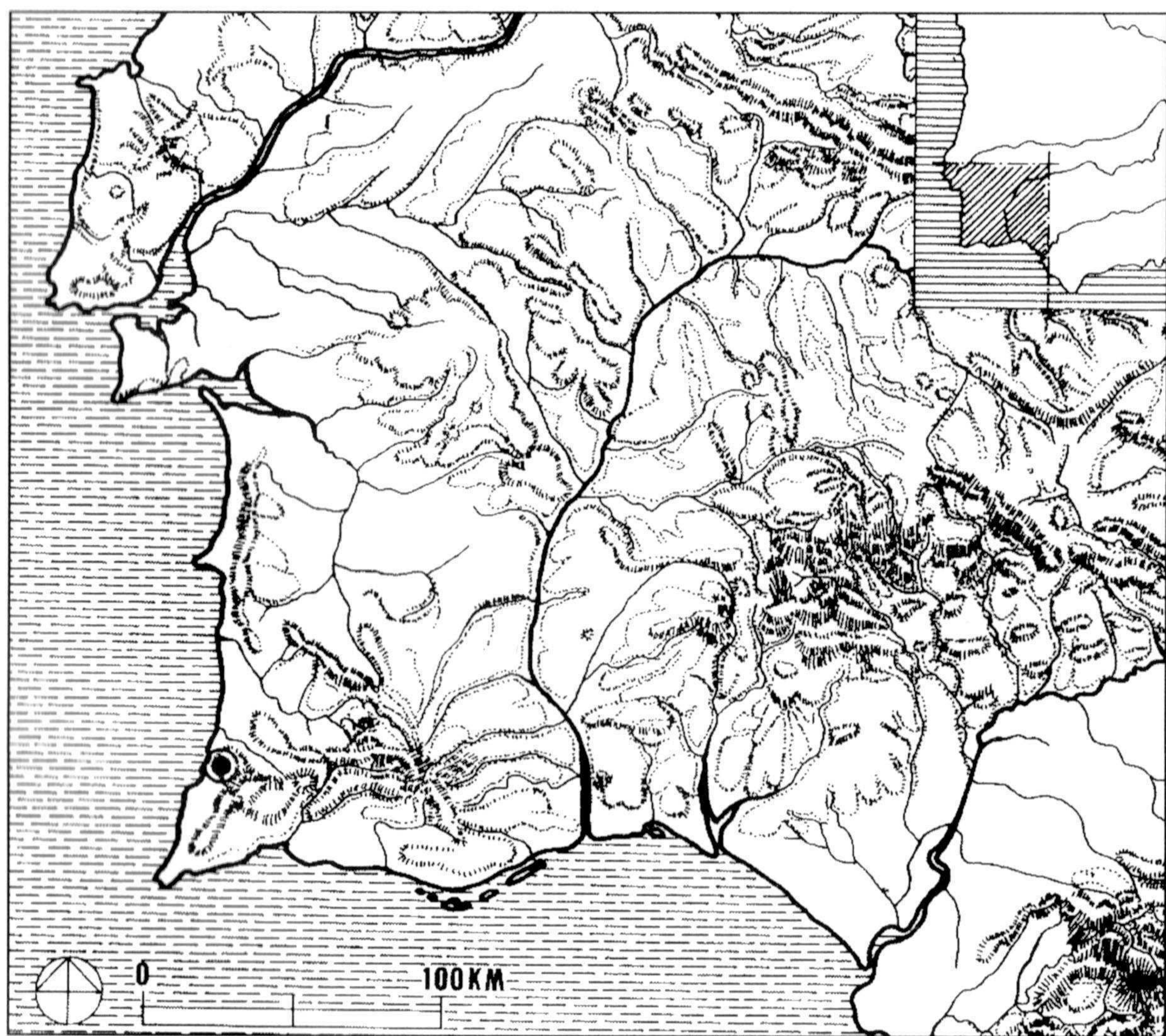


Fig. 1. Planta com a localização de Aljezur

As coordenadas Gauss de um ponto aproximadamente central daquele espaço são: W 405 391 (seg. a C.M.P., nº 584, Aljezur, esc. 1: 25.000, S.C.E.P., 1979).

A fortificação de Aljezur integrava o sistema defensivo que, nos séculos XII-XIII, garantia a segurança do território de Silves, cuja área de influência se prolongava para Oriente até às terras dos actuais concelhos de Lagoa e de Albufeira e, a Ocidente, incluía todos os concelhos do Barlavento e parte do Baixo-Alentejo.

O dispositivo defensivo apresenta planta poligonal, bem adaptada à elevação onde foi edificado, e a sua entrada faz-se, presentemente, através de porta defendida por bastião de planta circular (fig. 2). No seu interior observa-se, ainda, o *aljibe*, de planta rectangular.



Fig. 2. Vista, de norte, do Castelo de Aljezur
(Foto: José Marreiros)

Escavações arqueológicas realizadas, entre 1990 e 1997, pela Unidade de Arqueologia do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, sob direcção científica de um de nós (C.T.S.), no interior do dispositivo defensivo, permitiram reconhecer importante sucessão estratigráfica que integra materiais com cronologia da Idade do Bronze Final, II Idade do Ferro, da Idade Média e dos inícios da Idade Moderna. Pertencem a esta última permanência estruturas, dispostas perpendicularmente ao pano de muralha, correspondentes a aquartelamento tardo-medieval, que terá sido abandonado no século XVI, conforme documentam as cerâmicas ali exumadas.

Contexto arqueológico

As referidas escavações permitiram ainda reconhecer, sob os testemunhos de Época Moderna, restos de construções muçulmanas, correspondendo, possivelmente, a espaços habitacionais, aos quais estavam associadas duas estruturas subterrâneas, que designamos por E.A e E.B (fig. 3). Estas localizam-se na área do compartimento IX (pertencente ao aquartelamento tardo-medieval) e foram escavadas no subs-

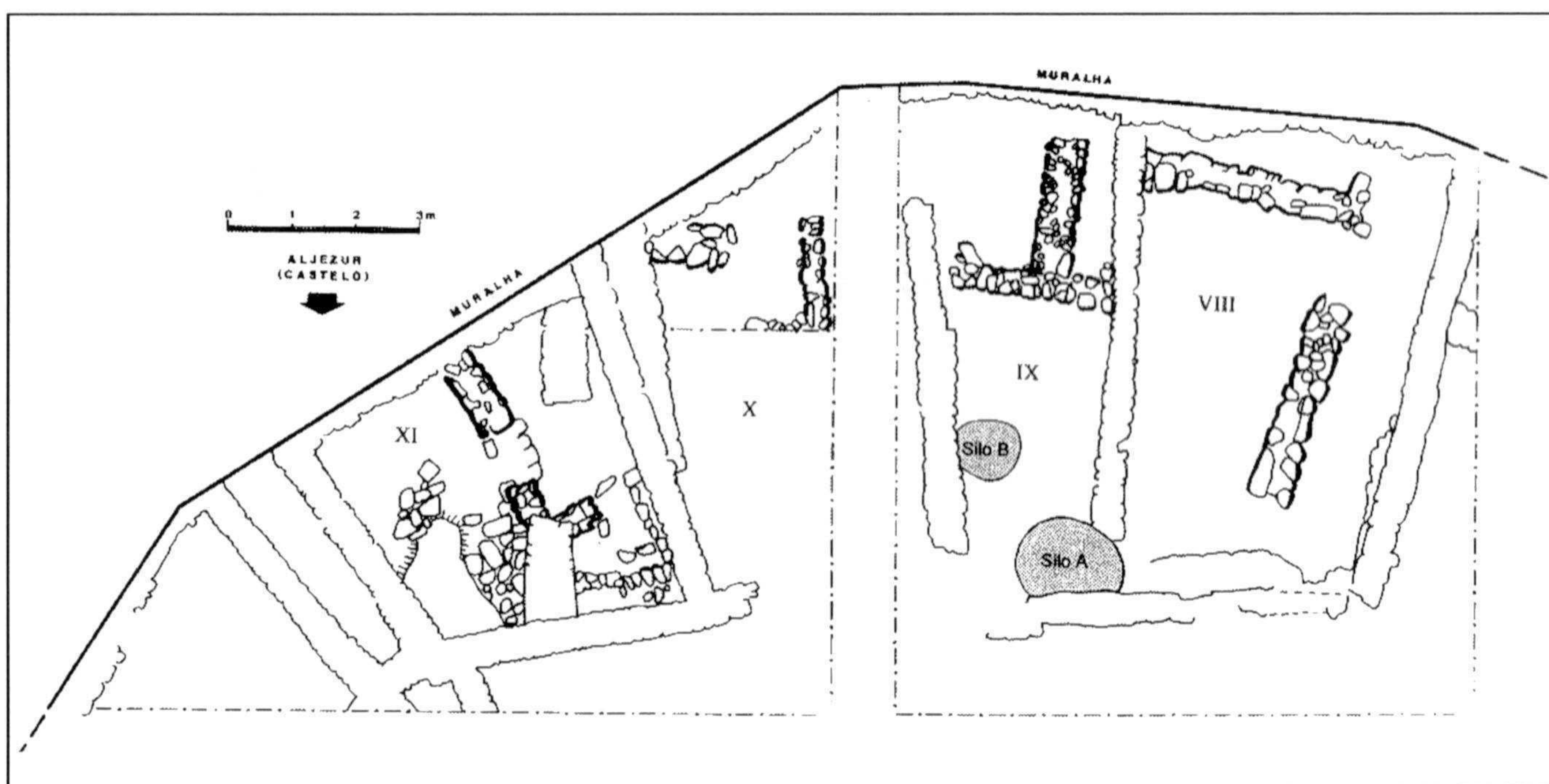


Fig. 3. Localização da estrutura subterrânea A (silo), em parte da área escavada.

São representadas estruturas do período muçulmano (com os elementos pétreos que as integravam desenhados).

Os compartimentos VIII a XI (representados esquematicamente) são tardo-medievais e teriam pertencido a um possível aquartelamento

trato rochoso. O seu enchimento é contemporâneo da formação da camada 3 da estratigrafia reconhecida na área do mesmo compartimento, ou seja, da última fase da ocupação muçulmana da alcáçova. Essa estratigrafia apresenta a seguinte sequência (de cima para baixo):

Camada 1 – Cerca de 0,25m de espessura. Era constituída por sedimento areno-argiloso, de cor castanho-amarelada clara, contendo escassos elementos pétreos. Cobria o topo dos muros que delimitavam os compartimentos tardo-medievais (fig. 4).

Camada 2 – Apresentava 0,40m a 0,50m de potência. Era formada por sedimento areno-argiloso, de cor castanho-amarelada, que embalava numerosos

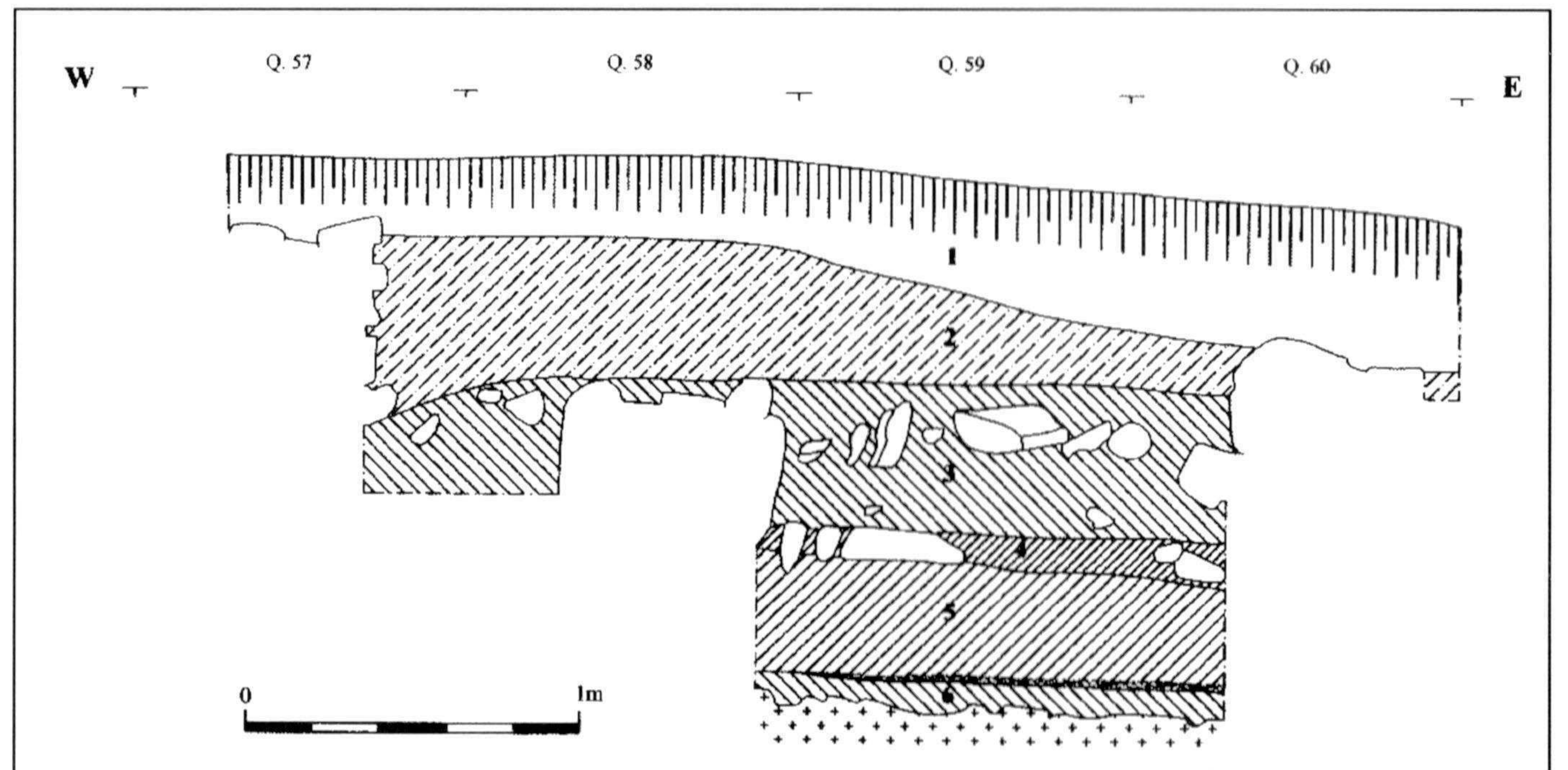


Fig. 4. Perfil estratigráfico dos quadrados 57 a 60 (compartimento IX)

fragmentos de xisto, de pequenas dimensões, alguns blocos pétreos e abundantes pedaços de telhas de canudo, tal como fragmentos de recipientes cerâmicos dos séculos XV-XVI, ossos e conchas de moluscos marino-estuarinos. Trata-se de nível de lixeira constituída após o abandono do compartimento IX.

Camada 3 – Oferecia, aproximadamente, 0,40m de espessura. Apresentava sedimento argilo-arenoso, de cor castanho-amarelada escura, que envolvia blocos de xisto, cerâmica muçulmana, escórias de fundição de ferro, ossos e conchas. Na base, as terras eram muito compactas, mais argilosas e carbonosas. Os muros que delimitavam o compartimento IX assentavam ou fundavam-se no topo da camada 3. Esta mesma camada encontrava-se em conexão com troços de muros de xisto, rectilíneos e ortogonais, com cerca de 0,50m a 0,60m de largura.

Camada 4 – Mostrava cerca de 0,10m de espessura. Trata-se de piso argiloso, contendo blocos lajiformes de xisto, dispostos na horizontal, sendo arqueologicamente estéril. Cobria a vala de construção e o topo do alicerce da muralha do castelo.

Camada 5 – Atingia cerca de 0,35m de potência média. Era formada por sedimentos argilo-arenosos, de cor castanho-escura, resultantes, em grande parte, do derrube de paredes de taipa. Continha blocos de xisto, fragmentos de cerâmica muçulmana e restos de fauna. Na base, mostrava-se francamente carbonosa. Em outras áreas da escavação, esta camada encontrava-se em conexão com muros de prováveis habitações, com pisos, por vezes lajeados, como, por exemplo, na área do compartimento XI. O alicerce da muralha do castelo cortou esta camada.

Camada 6 – Com cerca de 0,10m a 0,20m de espessura, era constituída por sedimentos argilo-arenosos, de cor castanho-escuro, contendo carvões dispersos. Assentava directamente sobre o substrato rochoso. Forneceu cerâmica da Idade do Ferro e restos de fauna. Na base desta camada (nas depressões naturais existentes no topo do substrato geológico) surgiram fragmentos de cerâmica da Idade do Bronze Final.

Camada 7– Corresponde ao substrato geológico, constituído por xistos e grauvaques do Carbónico.

A sequência estratigráfica mencionada revela as seguintes fases de ocupação:

- Ocupação da Idade do Bronze Final (camada 6 base);
- Ocupação da Idade do Ferro (camada 6);
- Primeira ocupação do período muçulmano, anterior à construção da muralha do castelo (camada 5);
- Segunda ocupação do período muçulmano, que se inicia com a construção da muralha e do piso da camada 4. Ao seu abandono, correspondem a camada 3 e o enchimento das estruturas subterrâneas A e B;
- Construção, durante o período tardo-medieval, de aquartelamento a que pertence o compartimento IX. O seu abandono proporciona a formação de lixeira, durante o século XVI (camada 2).

A estrutura subterrânea «A»

Arquitectura e estratigrafia

Esta estrutura, cujo enchimento forneceu o núcleo de cerâmicas agora dado a conhecer, foi, como se disse, aberta nos xistos do substrato geológico. Conserva, apenas, a parte inferior do corpo, com forma subcilíndrica e fundo quase plano, com os cantos arredondados. Mede, actualmente, 1,65m de diâmetro máximo e 1,60m de altura. A sua forma e dimensões conduzem a podermos classificá-la como silo.

Encontrava-se parcialmente sobreposta pelos muros que limitam, a oeste e a norte, o compartimento IX.

O seu enchimento revelou, de cima para baixo, a seguinte sequência estratigráfica:

- Camada 3 A – Com cerca de 0,15m de espessura, correspondia a nível de argamassa de cal e areia, de regularização do solo (fig. 5).
- Camada 3 B – Cerca de 0,30m de potência média. Era constituída por sedimentos arenos-

argilosos, de cor castanho-amarelada, contendo carvões dispersos. Embalava blocos de xisto, abundantes restos faunísticos e cerâmicas.

- Camada 3 C – Alcançava cerca de 1,10m de espessura. Era formada por sedimentos areno-argilosos, de cor castanho-escuro, possuindo carvões dispersos, numerosos blocos de xisto, abundantes restos faunísticos e cerâmicas.
- Camada 3 D – Apenas com 0,05m a 0,10m de espessura, mostrava sedimentos areno-argilosos de cor castanho-clara, embalando restos faunísticos e cerâmicas. Assentava sobre o fundo da estrutura.

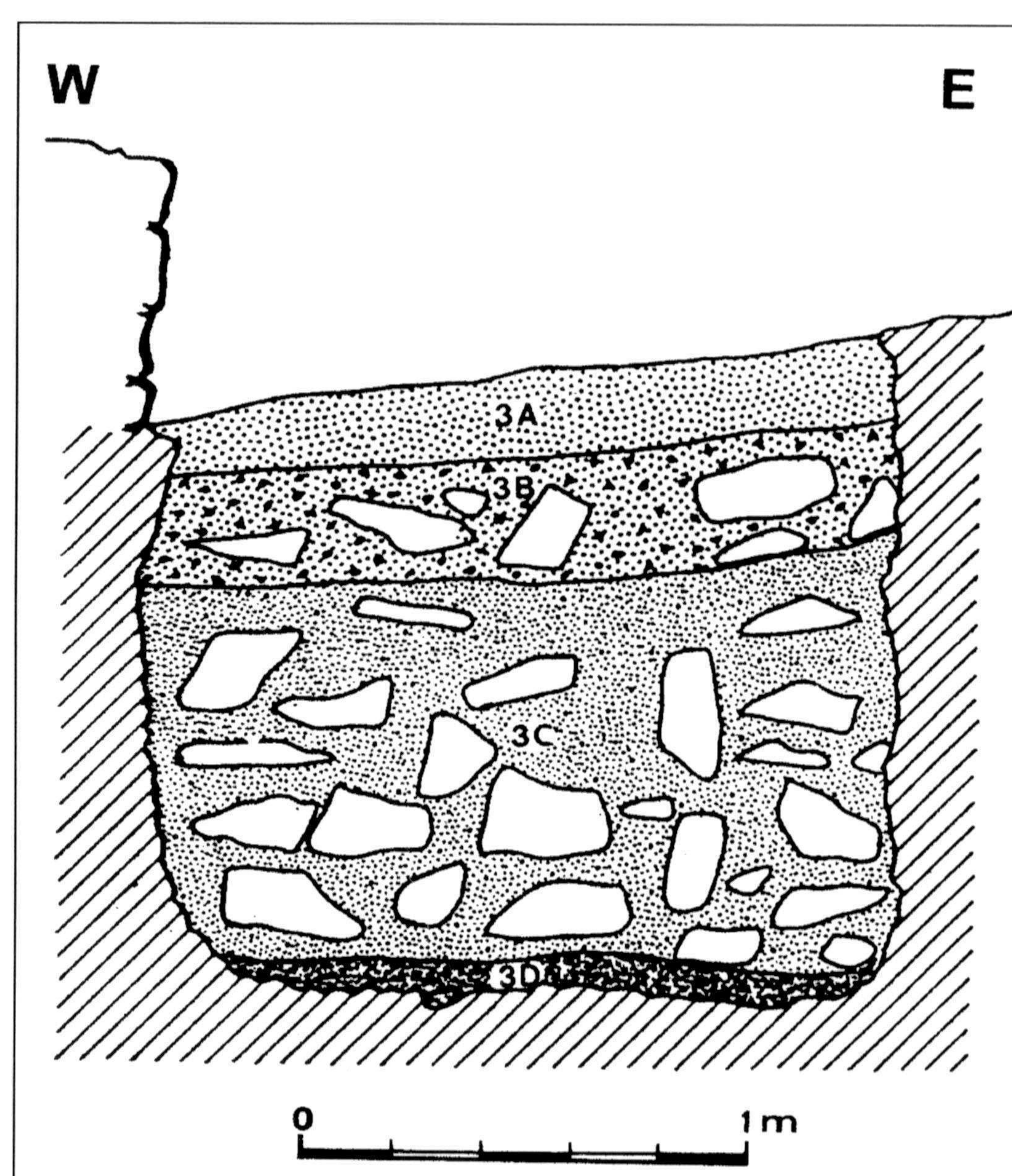


Fig. 5. Perfil estratigráfico da estrutura subterrânea A (silo)

Espólio

Recuperou-se, na camada 3 C, bala de funda, de calcário e com forma subesférica, assim como dois mil duzentos e cinquenta e dois fragmentos de cerâmica. Este material constitui conjunto significativo, não só em termos numéricos como mostra, ainda, exemplares similares a outros que observámos, de igual modo, na camada correspondente à data de construção de sector da muralha do castelo.

O estudo estatístico das cerâmicas, em relação às pastas, formas e tratamento das superfícies, permitiu reconhecer os tipos ou classes patentes no quadro I. Verificou-se que o maior número de exemplares foi fabricado com pastas e superfícies de cor vermelha (86,86%), seguindo-se as peças produzidas com pastas e superfícies de cores claras (6,75%), sendo algo

menos numerosos os fragmentos fabricados com pastas vermelhas e oferecendo uma ou ambas superfícies vidradas, de cor castanha melada (5.59%). Constituem percentagem reduzida as peças fabricadas com pastas claras, contendo uma ou ambas superfícies esmaltadas de cor branca (0.53%) ou de cor verde (0.27%).

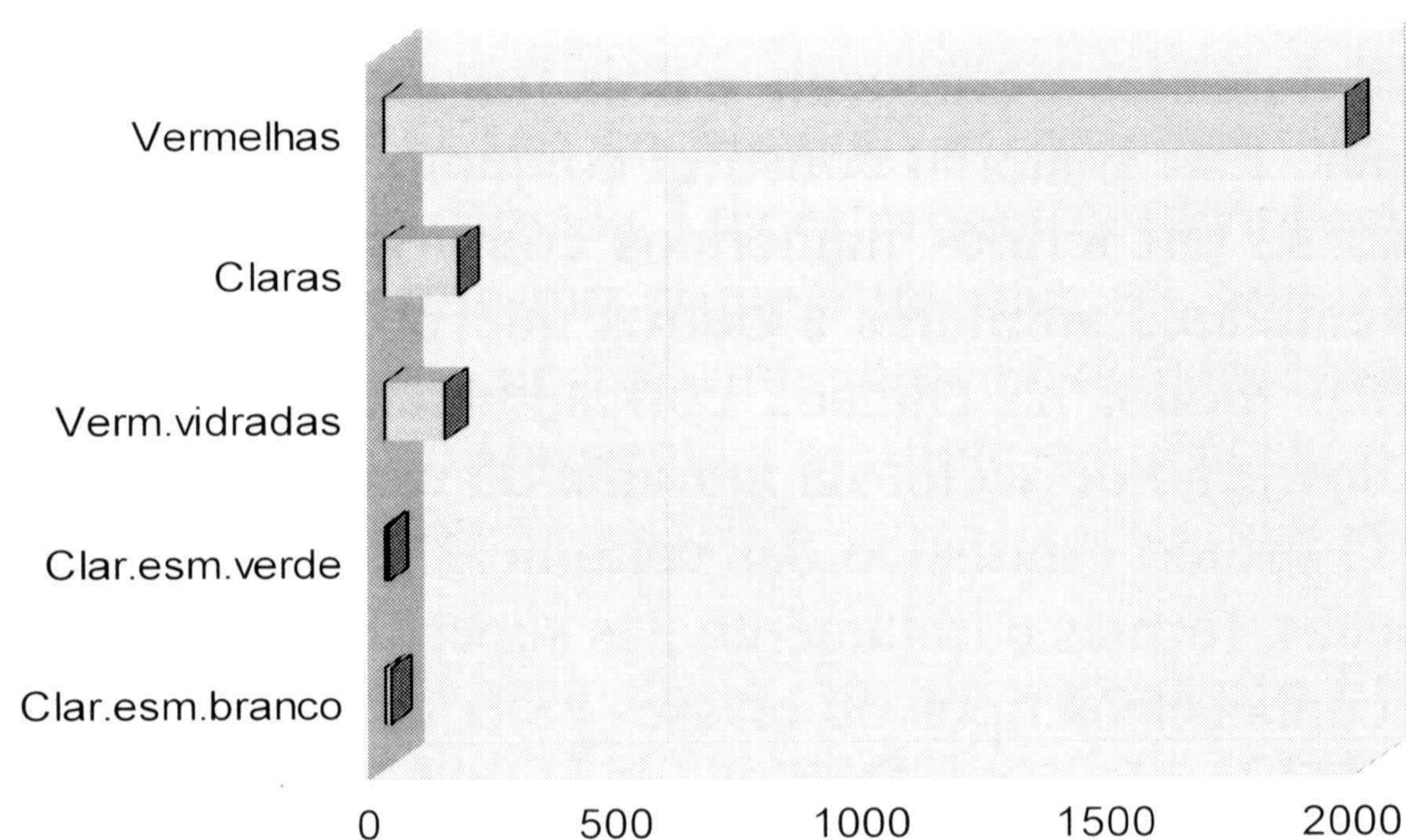
A análise formal do espólio cerâmico permitiu verificar que o conjunto mais numeroso é formado por loiça de cozinha e por loiça de armazenamento. No entanto, o espólio cuja identificação formal foi possível efectuar constitui percentagem reduzida em

relação à totalidade dos exemplares inventariados (47.47%).

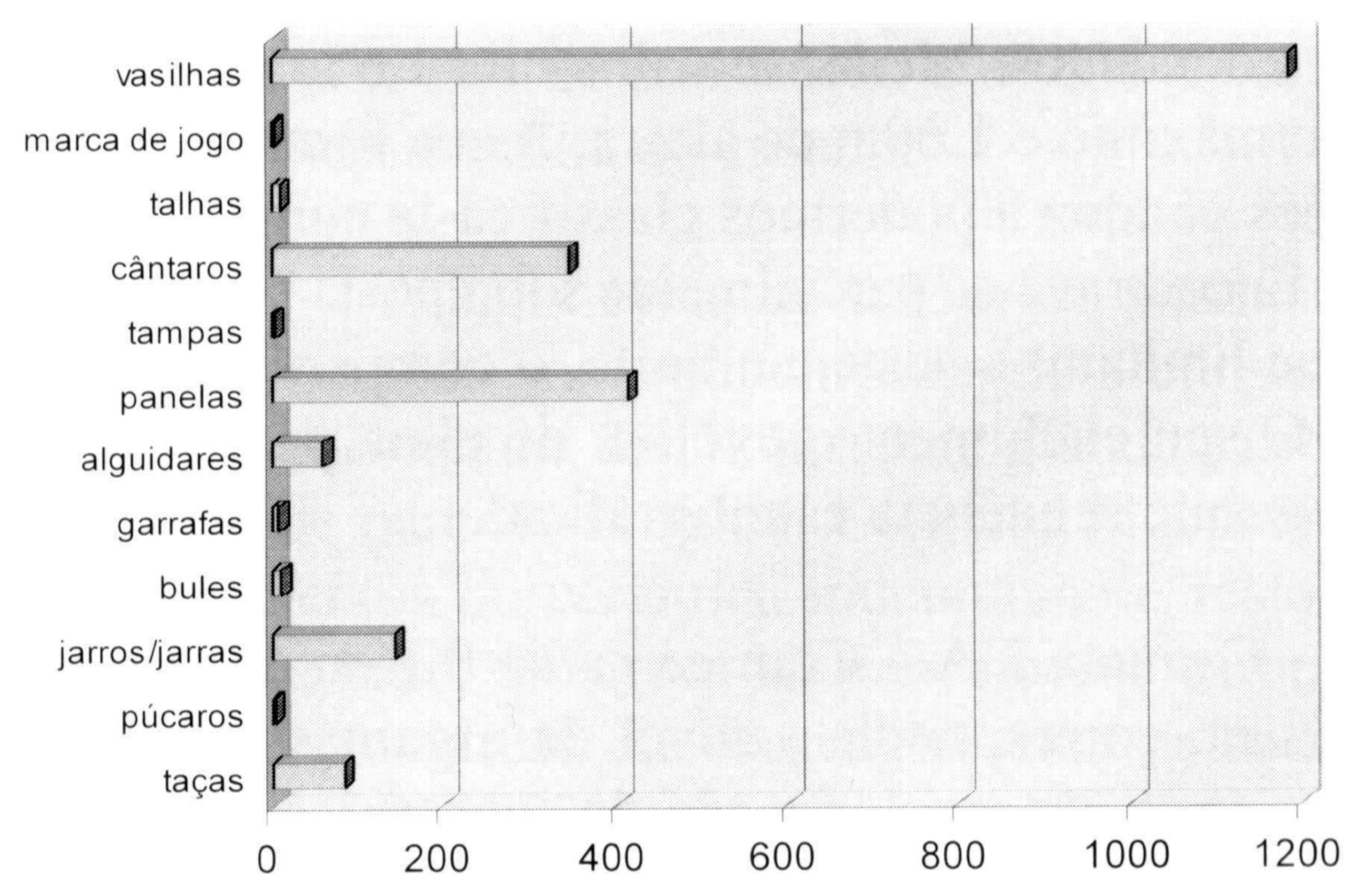
As panelas constituem a forma mais numerosa, seguindo-se-lhes os cântaros e os jarros ou jarras. A taça é a forma identificada que apresenta pastas e tratamento das superfícies mais diversificados, dado surgirem restos de exemplares fabricados com pastas vermelhas, com as superfícies apenas alisadas ou brunidas, como vidradas (as mais comuns), assim como outros produzidos com pastas claras, com as superfícies esmaltadas, de cor branca ou verde (cf. quadro I).

Quadro I. Cerâmicas da Estrutura A /Camada 3C

Tipos	Formas	Pastas e superfícies					Totais
		Claros esmalt. branco	Claros esmalt. verde	Verme-lhas vidradas	Claros	Vermelhas	
Loiça de mesa	Taças	11 0,49 %	5 0,23 %	53 2,35 %	– –	13 0,58 %	82 3,65 %
	Púcaros	– –	– –	– –	– –	2 0,08 %	2 0,08 %
	Jarros/ /jarras	– –	– –	– –	47 2,09 %	94 4,17 %	141 6,26 %
	Bules	– –	– –	– –	10 0,45 %	– –	10 0,45 %
	Garrafas	1 0,04 %	– –	5 0,23 %	– –	1 0,04 %	7 0,31 %
Loiça de cozinha	Alguidares	– –	– –	– –	50 2,22 %	9 0,41 %	59 2,63 %
	Panelas	– –	– –	30 1,33 %	– –	382 16,96 %	412 18,29 %
	Tampas	– –	– –	– –	– –	1 0,04 %	1 0,04 %
Loiça de Armaze-namento	Cântaros	– –	– –	– –	37 1,64 %	308 13,68 %	345 15,32 %
	Talhas	– –	1 0,04 %	– –	– –	8 0,36 %	9 0,40 %
Actividade lúdica	Marca de jogo	– –	– –	– –	– –	1 0,04 %	1 0,04 %
N/ ident.	Vasilhas	– –	– –	38 1,68 %	8 0,35 %	1137 50,50 %	1183 52,53 %
Totais		12 0,53 %	6 0,27 %	126 5,59 %	152 6,75 %	1956 86,86 %	2252 100 %



Cerâmicas da Estrutura A – Camada 3C
Pastas e tratamento das superfícies



Cerâmicas da Estrutura A – Camada 3C
Formas

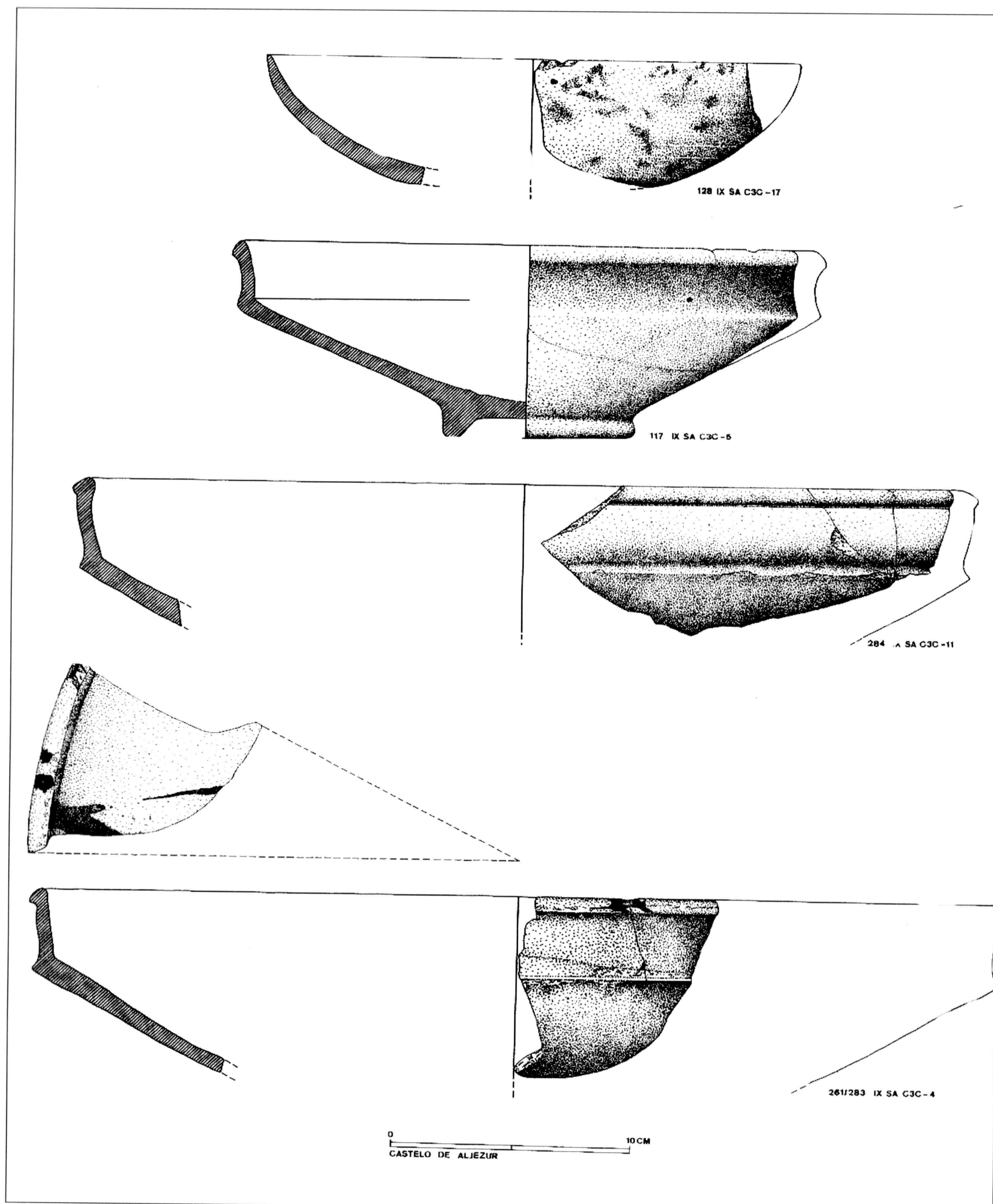


Fig. 6. Cerâmica esmaltada de cor branca e cerâmicas vidradas.
 Fragmentos de taça hemisférica achatada e de taças com carena acusada (E. A, C. 3C) (des. de A. Machado)

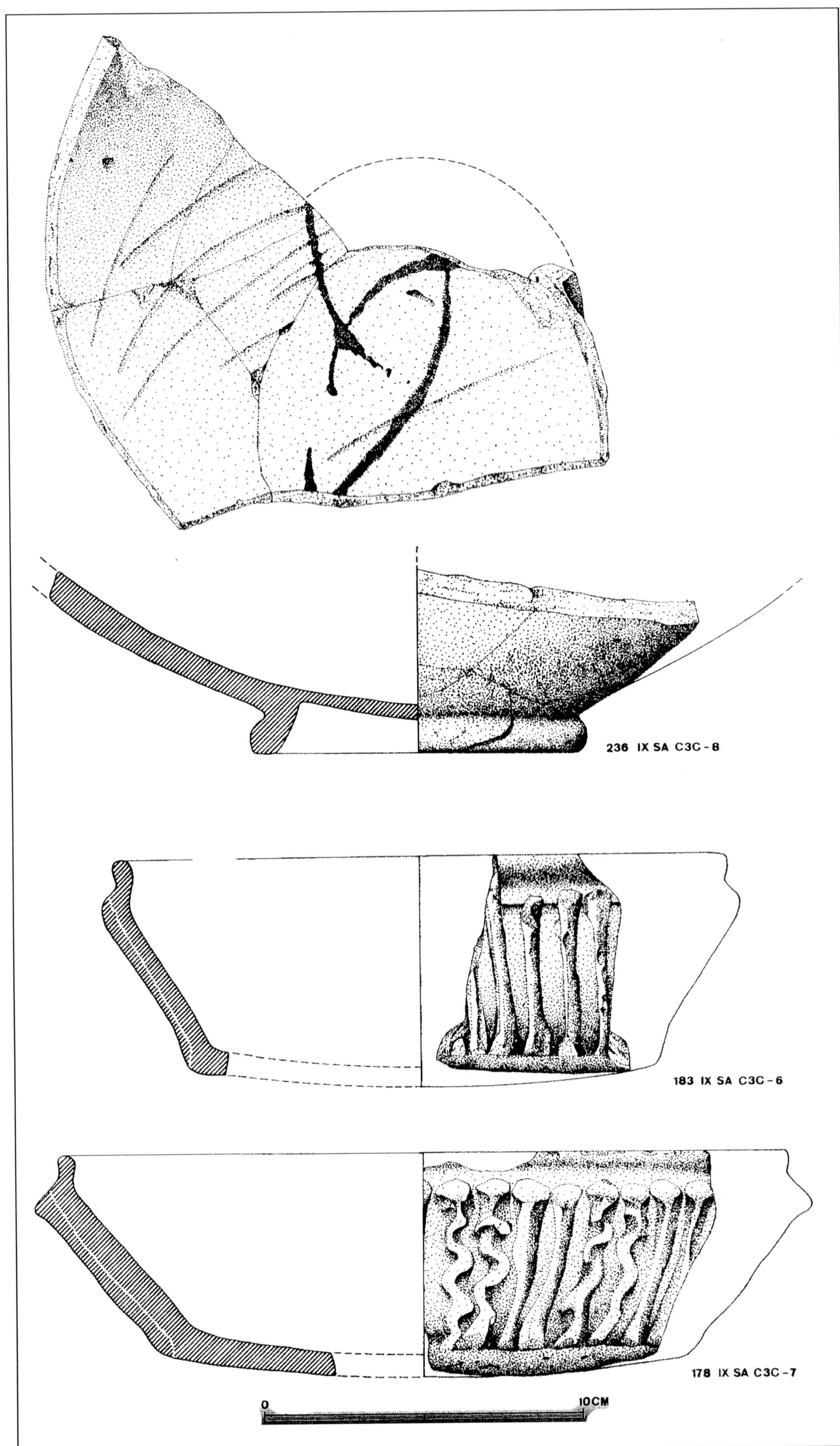


Fig. 7. Cerâmicas vidradas. Fragmentos de taça hemisférica e de taças com dupla carena (E. A, C.3C) (des. de A. Machado)

Fig. 8.
Bala de funda
e cerâmicas vidradas.
Fragmentos de panela
e de garrafas (E. A, C. 3C)
(des. de A. Machado)

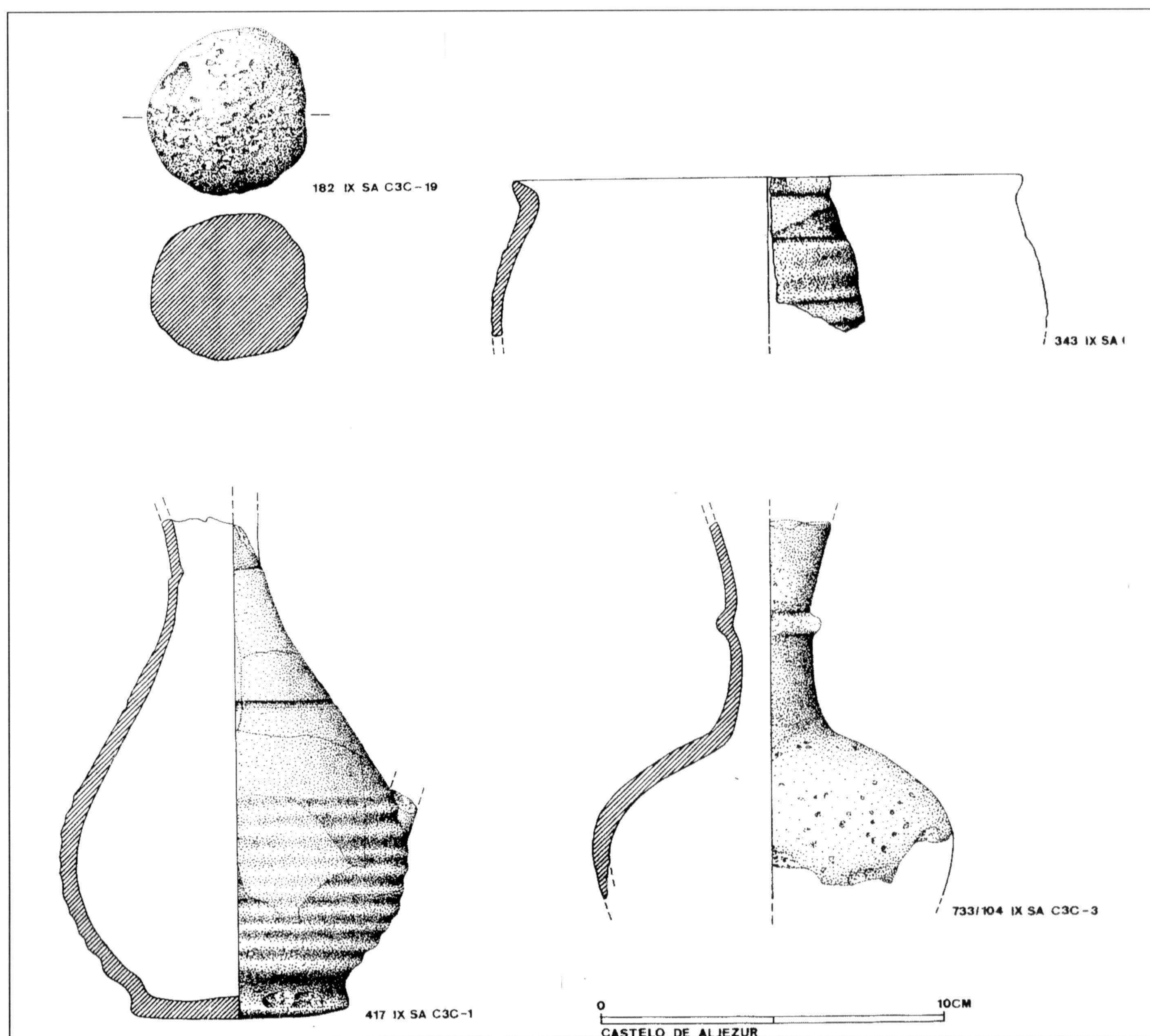
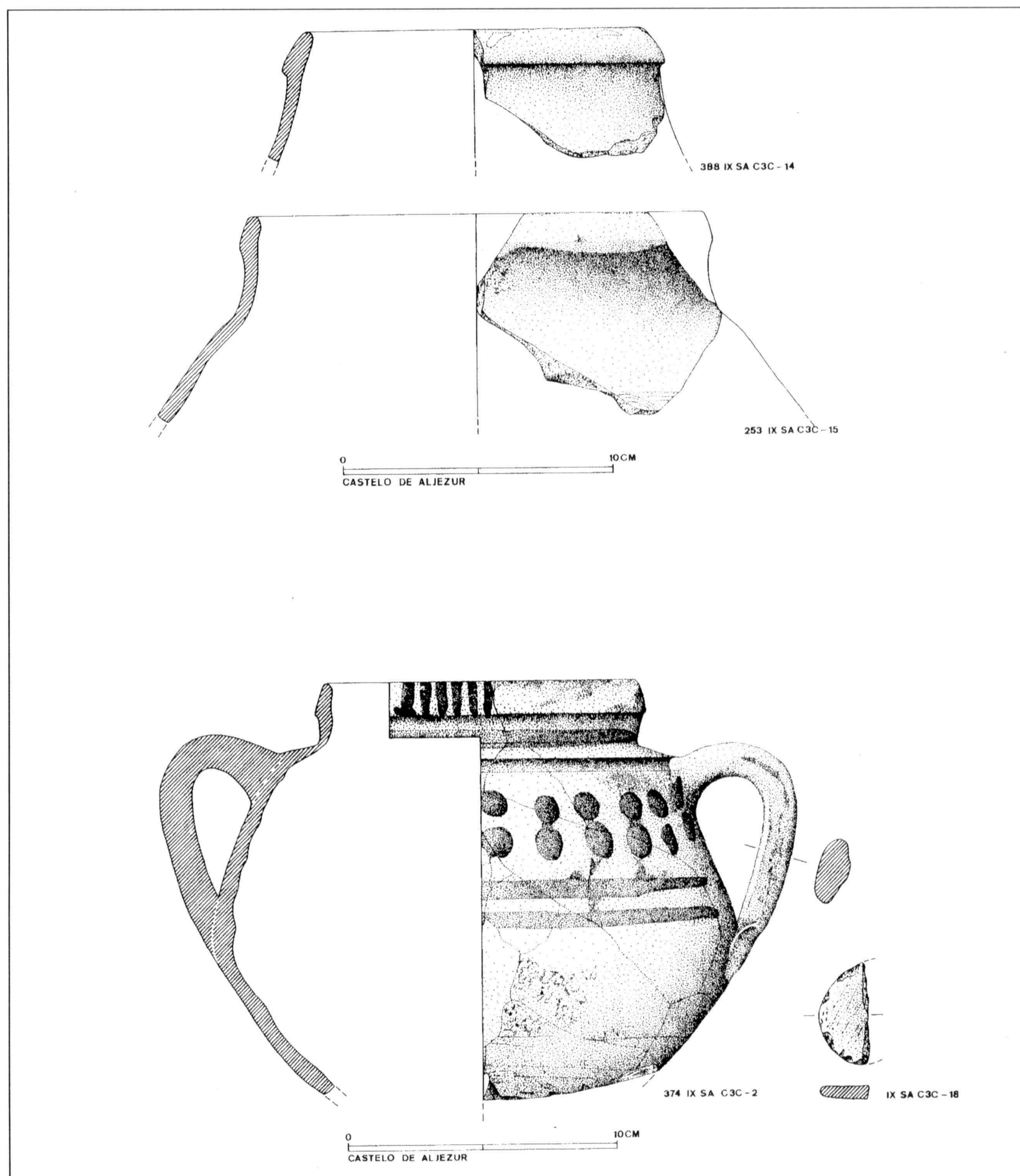


Fig. 9.
Cerâmicas com pastas e superfícies
de cor vermelha.
Fragmentos de panelas
e marca de jogo (E. A, C.3C)
(des. de A. Machado)



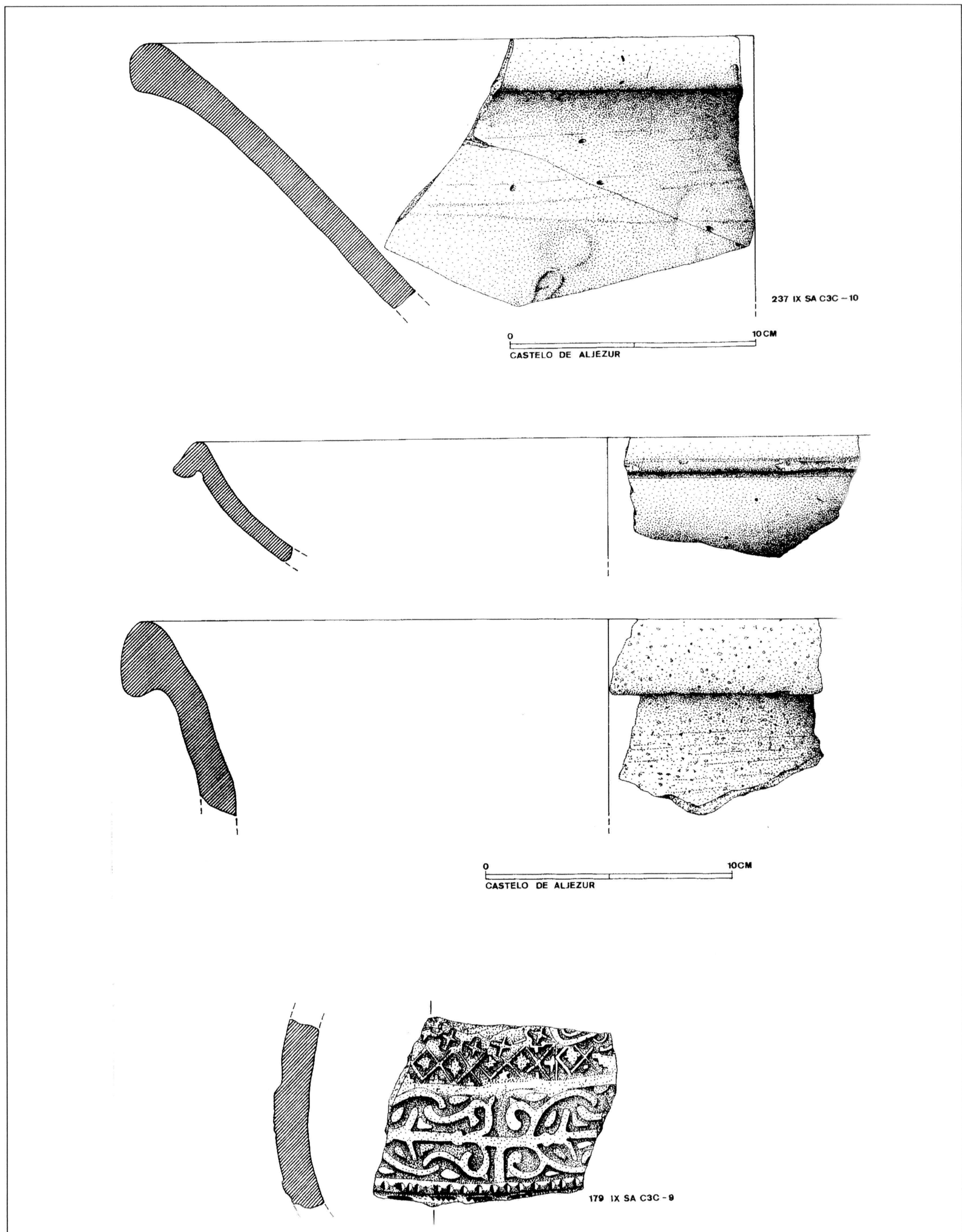


Fig. 10. Cerâmicas com pastas de cores claras. Fragmentos de alguidares e de talhas (E. A, C. 3C) (des. de A. Machado)

Integração cultural

As estruturas subterrâneas para armazenamento de cereais, ou de frutos secos, são comuns no mundo medieval, tanto nos núcleos urbanos como rurais. Apresentam formas, características técnicas e construtivas similares nas diferentes regiões do *al-andalus*, constituindo, a par dos grandes depósitos para armazenar água, equipamento fundamental de todas as fortificações muçulmanas.

No Algarve, terá sido Estácio da Veiga o primeiro a assinalar, em 1887, desde Aljezur a Castro Marim, a presença do que denominou de “*subterraneos*”, “*celleiros dos mouros*” ou “*celeiros mouriscos*” (Veiga, 1887, 419-428).

Recentemente, têm vindo a ser encontrados e publicados silos no castelo de Salir (Catarino, 1995, 9-30), no castelo de Silves e, em particular, na área urbana daquela cidade (Gomes, 1999, 272, 273, 1536-1538).

As cerâmicas encontradas na camada 3-C do silo, denominado por estrutura subterrânea A, permitem paralelos, formais e decorativos, com exemplares exumados em diferentes arqueossítios islâmicos.

Assim, a taça hemisférica (128 IX SA C3 C-17), que assentaria em pé alto e anelar, com as superfícies esmaltadas de cor branca, constitui forma comum nos séculos XII-XIII, com paralelos nos níveis islâmicos de Silves (Gomes, 1988, 219; 1999, 715, 1307), mas, também, em peças provenientes de Cieza, do poço de San Nicolás, em Múrcia, e de Jerez de la Frontera, entre outros arqueossítios com contextos seguros (Gabaldon, 1986, 345, 353-356; Palazón, 1986, 7, 182, fig. 11, 388; 1991, 171, fig. 157).

As taças com carena acusada (117 IX SA C3C-5; 284 IX SA C3C-11; 261 IX SA C3C-4), mostrando as superfícies vidradas, de cor castanha (melada), podendo oferecer decoração, sobre o bordo e na superfície interior, de cor castanha escura a negra, apresentam similitudes com peças exumadas em Silves, Salir, Mértola, Belyounech e Alcácer-Ceguer, onde são datadas do Período Almoadá (Bazzana e Montmessin, 1995, 257, fig 9, 6-9; Cardenal, 1980, fig 1, est I; Catarino, 1992, 22; 1997/98, 1204, 1205; Gomes, 1988, 228, 229; 1999, 569, 571; Myers e Blackman, 1986, 58; Redman, 1986, 106, fig 4,3, I).

As taças com dupla carena (183 IX SA C3C-6; 178 IX SA C3C-7), vidradas de cor castanha (meladas) com a superfície exterior decorada por cordões verticais, mais ou menos separados, partindo de cordão horizontal, disposto abaixo do bordo e unindo-se a outro sobre a carena, assemelham-se, tanto pela forma como pela temática decorativa, a peças provenientes de Loulé, Salir, Mértola, Almería, Jerez de la Frontera, Setefilla ou Belyounech, entre outros locais com cronologia almoada e nazarí (Cardenal,

1980, 230 fig. 2C; Catarino, 1992, 23; Duda, 1970, est. 22a; Gabaldon 1987, 456; Gomes, 1988, 260; 1999, 575, 718; Luzia, 1996, 68; Kirchner i Granel, 1990, 32, 121, est. 9.46-48; Macias, 1996, 109, figs 4, 13). No entanto, um dos exemplares de Aljezur oferece cordões verticais rectos que intercalam com outros ondulados, constituindo interessante variante daquele tema decorativo.

Uma garrafa, assente em fundo plano, contendo porção do corpo e o arranque da asa (417 IX SA C3C-1), com a superfície exterior vidrada, de cor castanha melada, oferecendo, a meio do corpo, decoração constituída por linhas incisas horizontais, formando canelado, tem paralelo em peça encontrada em Silves, com cronologia do século XIII (Gomes, 1999, 576, 577).

As painelas providas de bordos altos, demarcados no exterior por incisão (388 IX SA C3C-14; 253 IX SA C3C-15; 374 IX SA C3C-2) são, também, semelhantes a exemplares exumados nos níveis dos séculos XII-XIII, tanto na alcáçova como na área urbana de Silves (Gomes, 1999, 637, 639, 1177, 1178). Todavia, uma daquelas peças (374 IX SA C3C-2) oferece decoração pintada, de cor negra, constituída por séries de pequenos traços dispostos sobre o bordo e por conjunto de manchas digitadas, inseridas em cartela delimitada por quatro linhas, duas de cada lado, formando ornamentação rara nesta forma.

Os alguidares e as talhas, fabricados com pastas claras, constituem formas comuns nestes contextos arqueológicos tardo-islâmicos. Um dos fragmentos de talha (179 IX SA C3C-9) apresenta restos de decoração estampilhada, executada com dois motivos distintos, encontrando bons paralelos em matrizes representadas em Silves (Gomes, 1999, 1664, 1666).

Conclusões

A sequência estratigráfica reconhecida durante a intervenção arqueológica realizada no Castelo de Aljezur permite confirmar que, no sector onde decorreram os trabalhos, o pano de muralha terá sido erguido durante a permanência muçulmana na região.

O espólio observado, de que os exemplares agora dados a conhecer constituem pequena amostra, apresenta cronologia atribuível aos séculos XII-XIII.

Verificámos, de igual modo, que as peças mencionadas apresentam semelhanças com outras, nomeadamente com as recuperadas na alcáçova de Silves, datadas entre 1191 e 1248. É, pois, possível que a construção do Castelo de Aljezur se tivesse realizado durante aquele período, altura em que se realizaram, também, grandes campanhas de obras, não só na alcáçova como no próprio núcleo urbano de Silves, capital de todo aquele território.



É ainda provável que a torre circular, que defende a porta do recinto fortificado de Aljezur, seja anterior à construção do actual pano de muralha, conforme sugere a ligação entre eles. Este pano terá sido edificado em um segundo momento, embora entre as datas mencionadas.

Só a continuação das escavações arqueológicas, e o estudo das restantes estruturas e materiais exumados, poderão esclarecer os aspectos agora abordados.

BIBLIOGRAFIA

- BAZZANA, A., e MONTMESSIN, Y., 1995, Quelques aspects de la céramique médiévale du Maroc du Nord, *Actes du 5^{ème} Colloque sur la Céramique Médiévale*, pp. 241-259, Institut National des Sciences de l'Archéologie et du Patrimoine, Rabat.
- CARDENAL, M. G., 1980, Recherches sur la céramique médiévale marocaine, *La Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale, X-XV Siècles*, pp. 227-249, Ed. C.N.R.S., Paris.
- CATARINO, H., 1992, *Cerâmicas Islâmicas do Castelo de Salir*, Ed. Museu Municipal de Arqueologia de Loulé, 31 pp., Loulé.
- CATARINO, H., 1995, O castelo de Salir: Resultados da escavação dos silos. *Al-Ulyã*, vol. 4, pp. 9-30.
- CATARINO, H., 1997/98, O Algarve Oriental durante a Ocupação Islâmica, *Al-Ulyã*, vol. 6, 1306 p.
- DUDA, D., 1970, *Spanisch-Islamic Keramik Aus Almería vom 12. bis. 15. Jahrhundert*, Ed. F. H. Kerle Verlag, 40 p., 9 figs, 27 ests, Heidelberg.
- GABALDON, S. F., 1986, Aproximacion al estudio de un lote de ceramicas de vedrio blanco en Jerez de la Frontera (Calle de la Encarnación), *Actas do I Congreso de Arqueologia Medieval Española*, pp. 343-362, Diputacion General de Aragon, Zaragoza.
- GABALDON, S. F., 1987, El yacimiento de la Encarnación (Jerez de la Frontera), bases para la sistematización de la cerámica almohade en el SO peninsular, *Al-Qantara*, vol. VIII, pp. 449-474.
- GOMES, R.V., 1988, Cerâmicas muçulmanas do Castelo de Silves, *Xelb*, vol.1, 294 p.
- GOMES, R. V., 1999, *Silves (Xelb)- Uma cidade do Gharb al-Andalus-Arqueologia e História (Séculos VIII-XIII)*, Dissertação de Doutoramento em História-Especialidade de Arqueologia, apresentada à F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa, 1750 p. (texto policopiado).
- KIRCHNER i Granel, H., 1990, *Études des Céramiques Islamiques de Shadhfilah (Setefilla, Lora del Rio, Séville)*, Ed. C.I.H.A.M., Université de Lyon 2, 160 p., Lyon.
- LUZIA, I., 1996, O espólio cerâmico da cerca do convento, *Al-Ulyã*, vol. 5, pp. 51-73, Loulé.
- MACIAS, S., 1996, *Mértola Islâmica, Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova (Séculos XII-XIII)*, Ed. Campo Arqueológico de Mértola, 205 p., Mértola.
- MYERS, J. E., e BLACKMAN, M. J., 1986, Conical plates of the hispano-moresque tradition from islamic Qsar es-Seghir: petrographic and chemical analyses, *La Ceramica Medieval nel Mediterraneo Occidentale*, Ed. All'Insegna del Giglio, pp. 55-68, Faenza.
- PALAZÓN, J. N., 1986, *La Ceramica Islamica en Murcia*, Ed. Centro Municipal de Arqueologia e Ayuntamiento de Murcia, 335 p., 707 fig., Murcia.
- PALAZÓN, J. N., 1991, *Murcie, Une Maison Musulmane d'Andalousie Arabe au Quotidien*, pp. 13-25, Musée de l'Institut du Monde Arabe, Paris.
- REDMAN, C. L., 1986, *Qsar es Seghir, an Archaeological View of Medieval Life*, Academic Press Inc., 259 p., Orlando.
- VEIGA, S. P. M. E. da, 1987, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. II, Imprensa Nacional, 609 p., XXVIII + XII + IV ests, 1 mapa, Lisboa.